

DA HOMOGENEIZAÇÃO À DIVERSIDADE: DESAFIOS DA ESCOLA CONTEMPORÂNEA NOS PROCESSOS DE ENSINO E APRENDIZAGEM

FROM HOMOGENIZATION TO DIVERSITY: CHALLENGES FOR THE CONTEMPORARY SCHOOL IN TEACHING AND LEARNING PROCESSES

DE LA HOMOGENEIZACIÓN A LA DIVERSIDAD: DESAFÍOS DE LA ESCUELA CONTEMPORÂNEA EN LOS PROCESOS DE ENSEÑANZA Y APRENDIZAJE

Luzia Martins Pereira¹
Valdineia Ferreira dos Santos Piasson²
Marcelo Franco Leão³
João Severino Filho⁴

RESUMO: O presente artigo analisa a transição da escola moderna para a contemporânea, destacando suas implicações nos processos de ensino e aprendizagem, especialmente no contexto da sociedade brasileira marcada pela diversidade cultural e por desigualdades históricas. A discussão aborda a escola como espaço de reprodução e/ou transformação social, problematizando a colonialidade do saber e as relações de poder que influenciam o currículo e as práticas pedagógicas. A partir do diálogo com o pensamento decolonial, o estudo enfatiza a importância de valorizar epistemologias diversas e promover uma educação intercultural. Além disso, discute-se o papel da escola no enfrentamento das desigualdades étnico-raciais, conceituando racismo, preconceito, discriminação e estereótipo como elementos estruturantes das relações sociais. O artigo também analisa práticas pedagógicas no cotidiano escolar, evidenciando desafios e possibilidades na valorização da diversidade. Conclui-se que a escola contemporânea deve assumir um papel crítico e transformador, comprometido com a equidade, a justiça social e a construção de identidades plurais, por meio de práticas pedagógicas inclusivas e reflexivas

Palavras-chave: Diversidade cultural. Interculturalidade. Colonialidade do saber.

¹ Discente de mestrado do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Barra do Bugres, Mato Grosso, Brasil.

² Discente de doutorado do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM), Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Barra do Bugres, Mato Grosso, Brasil.

³ Doutor em Ciências (UFRGS). Docente do PPGEn do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática PPGECM (UNEMAT). Docente IFMT Campus Rondonópolis.

⁴ Doutor em Educação Matemática (UNESP). Docente do Curso de Licenciatura em Matemática, do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências no Contexto Indígena Intercultural (PPGECII) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Líder do Warã – Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Etnomatemática e membro do Laboratório Internacional em Etnomatemática e Ecologia (LIEE).

ABSTRACT: This article analyzes the transition from the modern school to the contemporary school, highlighting its implications for teaching and learning processes, especially within the context of Brazilian society, which is marked by cultural diversity and historical inequalities. The discussion addresses the school as a space for the reproduction and/or transformation of society, problematizing the coloniality of knowledge and the power relations that influence the curriculum and pedagogical practices. Based on the dialogue with decolonial thought, the study emphasizes the importance of valuing diverse epistemologies and promoting intercultural education. Furthermore, it discusses the role of schools in confronting ethnic-racial inequalities by conceptualizing racism, prejudice, discrimination, and stereotypes as structural elements of social relations. The article also examines pedagogical practices in everyday school life, highlighting challenges and possibilities for valuing diversity. It concludes that the contemporary school should assume a critical and transformative role, committed to equity, social justice, and the construction of plural identities through inclusive and reflective pedagogical practices.

Keywords: Cultural diversity. Intercultural education. Coloniality of knowledge.

RESUMEN: El presente artículo analiza la transición de la escuela moderna a la contemporánea, destacando sus implicaciones en los procesos de enseñanza y aprendizaje, especialmente en el contexto de la sociedad brasileña marcada por la diversidad cultural y por desigualdades históricas. La discusión aborda la escuela como un espacio de reproducción y/o transformación social, problematizando la colonialidad del saber y las relaciones de poder que influyen en el currículo y las prácticas pedagógicas. A partir del diálogo con el pensamiento decolonial, el estudio enfatiza la importancia de valorar epistemologías diversas y promover una educación intercultural. Además, se discute el papel de la escuela en el enfrentamiento de las desigualdades étnico-raciales, conceptualizando racismo, prejuicio, discriminación y estereotipo como elementos estructurantes de las relaciones sociales. El artículo también analiza prácticas pedagógicas en el cotidiano escolar, evidenciando desafíos y posibilidades en la valorización de la diversidad. Se concluye que la escuela contemporánea debe asumir un papel crítico y transformador, comprometido con la equidad, la justicia social y la construcción de identidades plurales, mediante prácticas pedagógicas inclusivas y reflexivas.

Palabras clave: Diversidad cultural. Interculturalidad. Colonialidad del saber.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre a educação contemporânea no Brasil implica, antes de tudo, compreender a sociedade em que ela está inserida. A escola não é uma instituição isolada, mas profundamente atravessada por aspectos históricos, sociais, culturais e políticos que constituem a realidade brasileira. Nesse sentido, pensar a transição da escola moderna para a contemporânea exige um olhar atento para as marcas deixadas por processos históricos como a colonização, a escravidão e a formação desigual da sociedade, elementos que ainda hoje influenciam as relações sociais e educacionais.

A sociedade brasileira é caracterizada por uma intensa diversidade cultural, étnica e social, ao mesmo tempo em que convive com profundas desigualdades. Essas desigualdades não são recentes, mas estruturais, resultantes de um processo histórico que privilegiou determinados grupos em detrimento de outros. Nesse contexto, a escola emerge como um espaço de tensões: ao mesmo tempo em que pode reproduzir essas desigualdades, também possui potencial para questioná-las e transformá-las. Como afirma Paulo Freire (1996), a educação nunca é neutra, estando sempre vinculada a um projeto de sociedade.

Historicamente, a escola moderna foi estruturada a partir de uma lógica de padronização, controle e homogeneização dos sujeitos, alinhada às demandas do Estado e do modelo industrial. Esse modelo priorizou a transmissão de conhecimentos considerados universais, muitas vezes desconsiderando as especificidades culturais e sociais dos estudantes. No Brasil, essa lógica foi ainda mais excludente, ao invisibilizar saberes de povos indígenas, africanos e de outras matrizes culturais, reforçando uma visão eurocêntrica do conhecimento.

Na contemporaneidade, no entanto, esse modelo passa a ser fortemente questionado. A ampliação do acesso à educação, a visibilidade das diferenças e as demandas por equidade e justiça social colocam em evidência a necessidade de repensar a escola, suas práticas e seus fundamentos. A educação contemporânea passa, então, a ser compreendida como um espaço de

3

Nesse cenário, a escola é convocada a assumir um papel mais crítico e reflexivo, capaz de dialogar com a realidade dos estudantes e de promover aprendizagens significativas. Isso implica reconhecer que os processos de ensino e aprendizagem são atravessados por dimensões culturais, sociais e identitárias, e que a diversidade não deve ser vista como um problema, mas como uma potencialidade pedagógica. Conforme destaca Nilma Lino Gomes (2005), a valorização da diversidade é um elemento central para a construção de uma educação mais justa e democrática.

Assim, a transição da escola moderna para a contemporânea não se resume a mudanças metodológicas, mas envolve uma reconfiguração profunda das concepções de educação, conhecimento e sujeito. Trata-se de um movimento que exige o enfrentamento das desigualdades históricas, a problematização das relações de poder e a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas e dialógicas.

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo analisar a transição da escola moderna para a contemporânea, considerando a realidade da sociedade brasileira, seus desafios históricos e sociais, bem como as implicações dessas transformações nos processos de ensino e aprendizagem na contemporaneidade.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A análise desenvolvida neste estudo permite compreender que transição da escola moderna para a contemporânea deve ser compreendida como um processo complexo e polivalente, atravessado por transformações epistemológicas, culturais, sociais e políticas que incidem diretamente sobre os modos de ensinar e aprender. Nesse cenário, torna-se necessário problematizar os fundamentos que sustentaram a escola moderna, especialmente sua vinculação a uma racionalidade técnico-instrumental, que organizou o ensino a partir da fragmentação do conhecimento, da centralidade do professor e da padronização das práticas pedagógicas. Tal modelo, ao privilegiar a homogeneização dos sujeitos, contribuiu para a invisibilização das diferenças e para a naturalização das desigualdades educacionais.

Na contemporaneidade, a emergência de novos paradigmas educacionais evidencia a necessidade de deslocamento dessa lógica. Os processos de ensino e aprendizagem passam a ser compreendidos como construções sociais situadas, nas quais os sujeitos assumem papel ativo na produção do conhecimento.

Nesse sentido, conforme argumenta Paulo Freire (1996), a educação deve ser concebida como prática de liberdade, na qual o diálogo, a problematização e a reflexão crítica constituem elementos centrais. Essa perspectiva rompe com a educação bancária e propõe uma pedagogia que reconhece os saberes prévios dos estudantes, valorizando suas experiências e contextos socioculturais. Leão *et al.* (2014) destacam que a escola contemporânea é desafiada a superar práticas fundamentadas na homogeneização, reconhecendo a diversidade, a heterogeneidade cultural e as singularidades dos sujeitos como elementos que demandam a reorganização das práticas e das relações estabelecidas no contexto escolar.

No contexto da sociedade brasileira, caracterizada por profundas desigualdades e por uma rica diversidade cultural, essa mudança de paradigma assume especial relevância.

A escola atual é desafiada a lidar com sujeitos que trazem consigo múltiplas identidades, marcadas por dimensões étnicas, raciais, culturais e socioeconômicas. Assim, a educação não

pode ser pensada de forma descontextualizada, mas deve considerar as condições concretas de vida dos estudantes, bem como as relações de poder que atravessam o ambiente escolar.

Nessa perspectiva, a cultura deixa de ser compreendida como um conjunto estático de valores e passa a ser entendida como um campo dinâmico de significações, atravessado por disputas simbólicas. Conforme destaca Vera Maria Candau (2011), a educação intercultural emerge como uma proposta que busca não apenas reconhecer a diversidade, mas promover o diálogo entre diferentes culturas, enfrentando as desigualdades e contribuindo para a construção de relações mais equitativas.

Essa abordagem supera as limitações do multiculturalismo, que, muitas vezes, restringe-se à valorização superficial das diferenças, sem questionar as estruturas de poder que as produzem. Não obstante, “a metodologia adotada no universo escolar acaba por reproduzir as relações hierarquizadas pela sociedade, que distingue dominantes e dominados” (Leão; Schwertner; Schuck; Quartieri, 2014).

A análise da natureza do ambiente escolar, nesse contexto, revela um tensionamento entre reprodução e transformação social. A escola, enquanto instituição inserida em uma sociedade desigual, tende a reproduzir as hierarquias existentes, seja por meio do currículo, das práticas pedagógicas ou das relações estabelecidas no cotidiano escolar. No entanto, essa mesma instituição possui potencial transformador, especialmente quando orientada por práticas e críticas reflexivas.

Nesse sentido, Leão *et al* (2014) destacam a importância de uma prática docente investigativa, capaz de articular teoria e prática, promovendo aprendizagens significativas e contextualizadas. Para esses autores, o professor assume o papel de mediador e pesquisador de sua própria prática, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais democrático e inclusivo.

Outro elemento central para a compreensão da escola contemporânea é a discussão sobre a colonialidade do saber. O conceito, desenvolvido por Aníbal Quijano (2005), evidencia que as estruturas coloniais persistem na forma como o conhecimento é produzido, organizado e legitimado. A hegemonia de epistemologias eurocêntricas no currículo escolar reforça relações de poder e contribui para a marginalização de saberes produzidos por povos indígenas, africanos e latino-americanos. Essa lógica não apenas limita a diversidade epistemológica, mas também impacta a construção das identidades dos sujeitos, ao desvalorizar suas referências culturais.

O pensamento decolonial, representado por Catherine Walsh (2018), propõe a ruptura com essa lógica, defendendo uma educação que reconheça a pluralidade de saberes e promova a justiça cognitiva. Trata-se de construir práticas pedagógicas que questionem as hierarquias epistemológicas e valorizem conhecimentos historicamente subalternizados.

Essa perspectiva implica repensar o currículo, as metodologias e as relações estabelecidas no espaço escolar, de modo a promover uma educação mais crítica e emancipatória, com o entendimento de que o conhecimento é plural, situado e profundamente vinculado às experiências sociais dos sujeitos.

Nesse contexto, Dayrell (2007) ressalta que a escola, por si só, não é suficiente para superar as desigualdades sociais, pois os jovens vivenciam demandas que extrapolam o espaço escolar. Assim, a promoção da equidade requer a articulação com políticas públicas e redes de apoio que garantam acesso não apenas à educação, mas também à cultura, ao lazer e a outras condições fundamentais para o pleno desenvolvimento dos estudantes. As reflexões apresentadas por Dayrell (2007) reforçam que a escola não pode ser compreendida isoladamente das condições sociais que atravessam a vida dos estudantes. Essa perspectiva converge com Severino Filho e Silva (2023), ao defenderem que o conhecimento científico não deve ser compreendido como único ou universal, mas em diálogo com múltiplas formas de produção de saberes construídas em diferentes contextos históricos, culturais e territoriais.

6

Nesse contexto, as relações étnico-raciais constituem outro eixo fundamental dessa discussão. O racismo, entendido como um sistema estrutural de opressão, organiza as relações sociais e se manifesta de forma institucional e cotidiana. No campo educacional, isso se traduz em desigualdades de acesso, permanência e sucesso escolar, além da reprodução de estereótipos e preconceitos.

É fundamental, portanto, compreender conceitos como racismo, discriminação, preconceito e estereótipo como categorias analíticas que permitem problematizar essas dinâmicas. O racismo refere-se a um sistema que hierarquiza grupos com base em características raciais; a discriminação corresponde às práticas concretas de exclusão; o preconceito envolve julgamentos prévios; e os estereótipos consistem em representações simplificadas e generalizantes. Santos (2002) argumenta que a escola, enquanto agente de transformação social, constitui um importante espaço de transmissão de ideologias. Para o autor, quando orientada pela promoção da qualidade de vida e da justiça social, a educação

cumprir sua função emancipatória; contudo, ao reproduzir uma sociedade excludente e reforçar desigualdades sociais, transforma-se em um mecanismo de reprodução ideológica e alienação.

Diante desse cenário, a escola contemporânea deve assumir um compromisso com a educação antirracista, promovendo práticas pedagógicas que valorizem a história e a cultura afro-brasileira e indígena, conforme previsto na legislação educacional brasileira. Isso implica não apenas a inclusão de conteúdos, mas a construção de uma postura crítica frente às desigualdades raciais e às formas de opressão que se manifestam no cotidiano escolar. Nesse sentido, Gomes (2005) destaca que a educação deve assumir um papel ativo no enfrentamento do racismo e na valorização das identidades historicamente marginalizadas.

No âmbito da diversidade cultural, as abordagens do multiculturalismo e do interculturalismo oferecem importantes contribuições para a reflexão educacional. O multiculturalismo, ao reconhecer a existência de múltiplas culturas, representa um avanço em relação às perspectivas homogeneizadoras, mas pode se limitar à coexistência de diferenças, sem promover transformações nas relações de poder.

Já o interculturalismo, conforme defendido por Candau (2011), propõe o diálogo, a interação e a construção coletiva de conhecimentos, buscando a superação das desigualdades e a promoção da equidade. Para a autora, os desafios enfrentados nesse processo reforçam a importância da construção coletiva e evidenciam que a efetivação de uma perspectiva intercultural requer uma busca contínua por coerência entre os princípios teóricos e as práticas desenvolvidas no cotidiano da sala de aula.

Essa discussão se articula diretamente com o currículo, entendido como um artefato cultural e político. Conforme afirma Silva (2010), o currículo não é neutro, mas resultado de escolhas que refletem interesses, valores e relações de poder. Ao selecionar determinados conteúdos e excluir outros, o currículo contribui para a construção de identidades e para a legitimação de determinados saberes. Assim, pensar o currículo na perspectiva contemporânea implica questionar suas bases e buscar a inclusão de múltiplas vozes e narrativas.

Dessa forma, a escola contemporânea configura-se como um espaço de disputas e possibilidades, no qual se confrontam diferentes concepções de educação, conhecimento e sociedade. A prática docente, nessa perspectiva, assume um papel central, exigindo formação contínua, reflexão crítica e compromisso com a construção de uma educação que reconheça a diversidade, enfrente as desigualdades e promova a transformação social.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter descritivo, desenvolvida por meio de pesquisa bibliográfica e de campo, cuja análise fundamenta-se na articulação entre observação do contexto escolar, registros imagéticos e entrevista semiestruturada.

Os procedimentos metodológicos adotados neste estudo foram inspirados na perspectiva apresentada por Leão *et al.* (2014), articulando registros imagéticos do contexto escolar e entrevista semiestruturada como estratégias complementares para a compreensão da diversidade cultural nos processos de ensino e aprendizagem.

A análise do contexto observado foi realizada em uma sala de aula de uma escola da rede municipal de ensino localizada no interior do estado de Mato Grosso, mediante observação do contexto escolar, registros fotográficos e entrevista semiestruturada realizada com uma professora atuante na instituição.

Os registros imagéticos foram submetidos à análise pictórica, compreendida como um procedimento interpretativo voltado à identificação de elementos visuais relacionados à organização do espaço escolar, às interações estabelecidas entre os sujeitos e às práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano da sala de aula. Posteriormente, essas análises foram articuladas às narrativas produzidas pela docente, possibilitando uma interpretação integrada dos dados à luz do referencial teórico adotado.

Para preservar a identidade das crianças participantes, os registros fotográficos utilizados neste estudo foram processados por recursos de Inteligência Artificial (IA) por meio do ChatGPT/OpenAI, exclusivamente para fins de anonimização, sem alteração dos elementos relevantes à análise do contexto investigado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa foram analisados a partir da articulação entre a análise pictórica dos registros imagéticos produzidos durante a observação do contexto escolar e a entrevista semiestruturada realizada com uma professora da rede municipal de ensino. A análise pictórica possibilitou compreender aspectos relacionados à organização do espaço pedagógico, às interações estabelecidas no ambiente escolar e às práticas educativas desenvolvidas no

cotidiano da sala de aula, enquanto a entrevista permitiu identificar as percepções da docente acerca da diversidade cultural e dos desafios da prática pedagógica.

A interpretação dos resultados fundamentou-se no referencial teórico discutido neste estudo, estabelecendo aproximações entre os elementos observados, as narrativas da participante e as contribuições da literatura para a compreensão da escola contemporânea.

4.1. Análise do contexto escolar observado

A observação do contexto escolar observado possibilitou compreender aspectos relacionados à organização do espaço, às práticas pedagógicas e às interações estabelecidas na sala de aula. As fotografias registradas durante a pesquisa subsidiam a discussão sobre a presença da diversidade cultural no cotidiano escolar e de suas implicações para os processos de ensino e aprendizagem, conforme apresentado na Figura 1.

Figura 01- Representação ilustrativa do contexto escolar observado



Fonte: Elaborada pelos autores a partir de registro fotográfico da pesquisa, com tratamento por IA para preservação do anonimato dos participantes (2026).

A partir da imagem analisada, é possível perceber um cenário bastante comum nas escolas brasileiras: uma sala de aula organizada de forma tradicional, com os estudantes

sentados em fileiras, voltados para o quadro e envolvidos em atividades escritas individuais. Esse tipo de organização revela uma prática pedagógica ainda fortemente influenciada pela escola moderna, na qual o ensino tende a ser mais centralizado e padronizado. Como aponta Philippe Perrenoud (2000), a escola ainda mantém estruturas que priorizam a homogeneização, mesmo diante da diversidade presente no cotidiano escolar.

O espaço físico da sala reforça essa lógica. As carteiras organizadas em linhas, o quadro como ponto central e os cartazes fixos nas paredes indicam um ambiente pouco flexível, com poucas possibilidades de reorganização para promover interação entre os estudantes. Ainda que existam recursos como televisão e ar-condicionado, eles não parecem, naquele momento, integrados à prática pedagógica.

Nesse sentido, Michael W. Apple (2006) nos lembra que a organização do espaço escolar não é neutra: ela revela escolhas pedagógicas e relações de poder, podendo tanto favorecer quanto limitar experiências mais participativas.

Em relação ao tempo, tudo indica que se trata de uma aula estruturada de forma sequencial, na qual os estudantes realizam a mesma atividade ao mesmo tempo. Esse tipo de organização é bastante característico da escola tradicional, que tende a desconsiderar os diferentes ritmos de aprendizagem. Para Antônio Nóvoa (2009), pensar a educação na contemporaneidade exige justamente o contrário: uma maior flexibilidade, que permita respeitar as singularidades de cada estudante.

Ao observar os estudantes, fica evidente a diversidade presente na sala. Cada um reage de maneira diferente à atividade proposta: alguns estão concentrados, outros parecem mais dispersos ou interagindo com colegas. Há também diferenças visíveis nas condições físicas e nas formas de participação, como no caso do estudante com o braço imobilizado, o que reforça a necessidade de um olhar mais sensível e inclusivo por parte do professor.

Essa diversidade nos lembra o que Freire (1996) defende: os estudantes não são sujeitos iguais, mas carregam histórias, experiências e formas próprias de aprender, que precisam ser consideradas no processo educativo.

A Figura 2 ilustra o contexto observado, evidenciando a diversidade presente na sala de aula e as diferentes formas de participação dos estudantes durante a atividade proposta. A imagem permite visualizar aspectos discutidos anteriormente, reforçando a necessidade de

práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem as singularidades dos sujeitos no processo de ensino e aprendizagem.

Figura: 02 - Fotografia dos alunos em uma sala de aula



Fonte: Acervo da pesquisa (2026).

11

A atividade pedagógica observada parece centrada na escrita e na resolução de exercícios, com apoio do quadro. Trata-se de uma prática importante para a sistematização do conhecimento, mas que, ao mesmo tempo, pode se tornar limitada quando não abre espaço para outras formas de aprendizagem mais participativas. De acordo com Libâneo (1994), é fundamental que o ensino vá além da transmissão de conteúdos, incorporando diferentes estratégias que favoreçam a compreensão e o envolvimento dos estudantes.

Embora não se observem elementos explícitos nos materiais da sala, a diversidade cultural está presente nos próprios estudantes, nas suas formas de falar, agir, se expressar e interagir. Essa diversidade, muitas vezes silenciosa, precisa ser reconhecida e valorizada no cotidiano escolar. Como destaca Gomes (2005), a escola tem um papel fundamental na valorização das diferenças e no enfrentamento das desigualdades, especialmente em contextos marcados por diversidade social e cultural.

Por fim, no que se refere à interculturalidade, as imagens mostram algumas interações entre os estudantes, mas ainda de forma limitada, possivelmente influenciada pela própria organização da sala. A disposição em fileiras tende a dificultar o diálogo e a troca de experiências, elementos essenciais para uma educação mais intercultural. Com isso, segundo Candau (2011), promover a interculturalidade significa criar espaços de diálogo, onde as diferenças não apenas coexistam, mas sejam reconhecidas e valorizadas como parte do processo de aprendizagem.

Dessa forma, o que se observa é um cenário que mistura permanências e possibilidades. Ao mesmo tempo em que a sala de aula ainda carrega traços da escola tradicional, também revela a presença de sujeitos diversos, que desafiam esse modelo e apontam para a necessidade de práticas mais flexíveis, inclusivas e dialógicas.

É justamente nesse movimento que a escola contemporânea vai se construindo, em um processo marcado por tensões, desafios e possibilidades, entre aquilo que ainda permanece enraizado nas práticas educacionais e aquilo que precisa, urgentemente, ser repensado e transformado.

4.2. Análise da entrevista: diversidade cultural e práticas pedagógicas no contexto escolar

12

Com o propósito de complementar as informações obtidas por meio da observação do contexto escolar, foi realizada uma entrevista semiestruturada com uma professora da rede municipal de ensino atuante em uma unidade escolar localizada no interior do estado de Mato Grosso.

A entrevista buscou compreender como a diversidade cultural é percebida e incorporada às práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano escolar, bem como identificar desafios e estratégias adotadas pela docente para promover uma educação pautada no respeito às diferenças, na inclusão e na valorização da diversidade. As respostas foram analisadas à luz do referencial teórico apresentado neste estudo, estabelecendo relações entre a prática docente e as discussões sobre diversidade, interculturalidade e escola contemporânea. Segue o Roteiro da entrevista conforme Quadro 01.

Quadro 01: Roteiro da entrevista com a professora da turma.

1.	Os cartazes nas paredes refletem a rotina e a diversidade da turma? Como são escolhidos ou construídos? Sim os cartazes refletem a rotina e a diversidade da turma ao mostrar atividades do dia a dia, produções dos alunos, e temas ligados à diferentes vivências
2.	De que maneira a diversidade cultural dos alunos aparece no cotidiano da sala de aula? Aparecem nas conversas, nas brincadeiras, nos exemplos usados nas aulas e nas atividades que valorizam as diferentes origens, nas trocas de experiências, e na resolução de problemas.
3.	Quais são os maiores desafios em trabalhar com uma turma de alunos culturalmente diversa? Os maiores desafios são respeitar as diferenças, lidar com preconceitos, garantir a participação de todos e adaptar as atividades para atender as diferentes realidades dos alunos.
4.	Como a escola apoia o professor nesse processo de valorização da diversidade? Oferecendo formações, materiais pedagógicos, orientações da equipe pedagógica e incentivando práticas que valorizam o respeito e a inclusão.
5.	Como acredita que a educação pode contribuir para uma sociedade mais justa e respeitosa com as diferenças? Contribui ao ensinar o respeito, às diferenças, ao promover o diálogo e combater o preconceito.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A análise da entrevista evidencia que o ambiente escolar investigado apresenta elementos que indicam uma preocupação com a valorização da diversidade cultural, especialmente no que se refere à organização do espaço pedagógico. Ao afirmar que “os cartazes refletem a rotina e a diversidade da turma ao mostrar atividades do dia a dia, produções dos alunos e temas ligados a diferentes vivências” (fala da professora), observa-se uma prática que reconhece o cotidiano dos estudantes como parte constitutiva do processo educativo. Essa perspectiva aproxima-se da concepção defendida por Paulo Freire, segundo a qual o ensino deve partir da realidade dos sujeitos, valorizando seus saberes e experiências.

Nesse sentido, os cartazes assumem um papel que vai além da ornamentação, configurando-se como instrumentos pedagógicos que expressam identidades, vivências e processos de aprendizagem. Ao incorporar produções dos alunos e elementos do cotidiano, o espaço escolar passa a refletir a diversidade presente na sala de aula, contribuindo para o reconhecimento dos estudantes como sujeitos históricos e culturais.

A diversidade cultural também se manifesta nas interações cotidianas, como evidenciado na afirmação de que “aparece nas conversas, nas brincadeiras, nos exemplos usados nas aulas e nas atividades que valorizam as diferentes origens, nas trocas de experiências e na resolução de problemas” (fala da professora). Essa compreensão reforça que a diversidade não se limita a conteúdos formais, mas está presente nas práticas sociais que constituem o cotidiano escolar. Conforme argumenta Stuart Hall, as identidades são construídas nas relações sociais e nos processos culturais, sendo continuamente produzidas e transformadas.

Entretanto, a entrevista também explicita desafios importantes no trabalho com a diversidade. Ao destacar que “os maiores desafios são respeitar as diferenças, lidar com preconceitos, garantir a participação de todos e adaptar as atividades para atender as diferentes realidades dos alunos” (fala da professora), evidencia-se que a diversidade, embora seja uma riqueza, exige mediações pedagógicas qualificadas. Esses desafios indicam a necessidade de práticas que superem a homogeneização e promovam a equidade, reconhecendo as diferenças como elemento estruturante do processo educativo. Nesse sentido, a escola pode tanto reproduzir desigualdades quanto atuar como espaço de transformação, conforme discutido por Michael W. Apple.

O apoio institucional aparece como um elemento relevante para o enfrentamento dessas questões. Segundo a professora, a escola contribui “oferecendo formações, materiais pedagógicos, orientações da equipe pedagógica e incentivando práticas que valorizam o respeito e a inclusão” (fala da professora). Essa dimensão coletiva do trabalho educativo reforça a importância da formação continuada e do acompanhamento pedagógico, aspectos fundamentais para a construção de práticas mais inclusivas. De acordo com Leão; *et al* (2014), a reflexão sobre a prática docente e o suporte institucional são elementos centrais para a ressignificação do trabalho pedagógico.

Além disso, ao afirmar que a educação “contribui ao ensinar o respeito às diferenças, ao promover o diálogo e combater o preconceito” (fala da professora), evidencia-se a compreensão do papel social da escola na construção de uma sociedade mais justa. Essa perspectiva dialoga com as contribuições de Gomes (2005), que enfatiza a importância de uma educação comprometida com as relações étnico-raciais e com a promoção da equidade.

Sob a ótica do pensamento decolonial, essa análise pode ser ampliada ao considerar que a valorização da diversidade implica também questionar as hierarquias de saberes presentes na

escola. Quijano (2005) evidencia que a colonialidade do saber ainda estrutura a forma como o conhecimento é legitimado, privilegiando determinadas epistemologias. Assim, práticas pedagógicas que reconhecem diferentes culturas e experiências podem ser compreendidas como movimentos de resistência a essa lógica.

Por fim, a análise da entrevista indica que a escola investigada apresenta avanços no reconhecimento da diversidade cultural, mas ainda enfrenta desafios relacionados à superação de preconceitos e à efetivação de práticas inclusivas. A perspectiva intercultural, conforme defendida por Candau (2011), apresenta-se como um caminho potente, ao propor o diálogo entre culturas e a construção de relações mais equitativas no espaço escolar.

Dessa forma, a valorização da diversidade cultural no ambiente escolar deve ser compreendida como um processo contínuo, que exige intencionalidade pedagógica, formação docente e compromisso institucional com a construção de uma educação mais democrática, inclusiva e socialmente referenciada.

Os resultados deste estudo evidenciam que a valorização da diversidade cultural não depende apenas da presença de sujeitos diversos no espaço escolar, mas da intencionalidade pedagógica em reconhecer essas diferenças como potencialidades para os processos de ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo permite compreender que a transição da escola moderna para a contemporânea não se configura como uma ruptura simples ou linear, mas como um processo histórico em permanente construção, marcado por tensões entre permanências e mudanças. Se, por um lado, ainda se observam práticas pedagógicas ancoradas em modelos tradicionais, por outro, emergem movimentos que buscam ressignificar o papel da escola, do currículo e dos sujeitos no processo educativo.

As reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo permitem compreender que a escola contemporânea é atravessada por múltiplas demandas, especialmente no contexto brasileiro, onde a diversidade cultural convive com profundas desigualdades sociais e raciais. Nesse cenário, a educação assume um papel estratégico na construção de uma sociedade mais justa, o que implica reconhecer as diferenças, enfrentar as desigualdades e promover a equidade.

A problematização da colonialidade do saber revelou-se fundamental para compreender como determinadas epistemologias foram historicamente privilegiadas em detrimento de outras, reforçando relações de poder e processos de exclusão. Nesse sentido, o diálogo com o pensamento decolonial aponta para a necessidade de construção de uma educação comprometida com a pluralidade de saberes e com a valorização de conhecimentos historicamente marginalizados.

Do mesmo modo, a discussão sobre as relações étnico-raciais evidencia que o racismo, enquanto estrutura social, atravessa o cotidiano escolar, exigindo a implementação de práticas pedagógicas antirracistas que ultrapassem a dimensão normativa e se consolidem como princípios orientadores da ação educativa. A compreensão de conceitos como racismo, discriminação, preconceito e estereótipo torna-se, portanto, essencial para a formação de sujeitos críticos e conscientes.

No campo da diversidade cultural, a perspectiva intercultural mostrou-se mais potente do que abordagens meramente multiculturalistas, ao propor o diálogo, a interação e a construção coletiva de conhecimentos, contribuindo para a superação de relações hierárquicas entre culturas. Essa abordagem se articula diretamente com a necessidade de repensar o currículo, entendido como um espaço político e cultural que influencia a construção das identidades e a

Além disso, destaca-se que a escola pode assumir tanto um papel reprodutor quanto transformador, dependendo das práticas que desenvolve e das concepções que orientam sua ação. Nesse sentido, a atuação docente, conforme discutido é central para a construção de práticas pedagógicas reflexivas, investigativas e comprometidas com a aprendizagem significativa.

Os resultados obtidos por meio da observação do contexto escolar e da entrevista evidenciaram que, embora a escola investigada apresente iniciativas voltadas à valorização da diversidade cultural, ainda permanecem práticas organizacionais e pedagógicas fortemente influenciadas pelo modelo tradicional de ensino. Ao mesmo tempo, constatou-se que a intencionalidade pedagógica da docente e o reconhecimento das diferentes experiências dos estudantes constituem elementos fundamentais para a construção de práticas mais inclusivas, interculturais e comprometidas com a equidade.

Sendo assim, compreende-se que a escola contemporânea deve ser concebida como um espaço de diálogo, problematização e transformação social, no qual diferentes saberes, culturas e identidades possam ser reconhecidos e valorizados. Isso exige o engajamento crítico de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo, bem como o compromisso com uma educação que vá além da transmissão de conteúdos, contribuindo para a formação de sujeitos autônomos, críticos e capazes de intervir na realidade em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- APPLE, Michael W. Ideologia e currículo. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CANDAU, Vera Maria. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- DAYRELL, Juarez. A escola como espaço sociocultural. In: DAYRELL, Juarez (org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Nilma Lino. Educação e relações raciais: Discutindo algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.). Superando o racismo na escola. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- LEÃO, Marcelo Franco; SCHWERTNER, Suzana Feldens; SCHUCK, Rogério José; QUARTIERI, Marli Teresinha. Reflexões Sobre A Transição Da Escola Moderna Para A Contemporânea E Sua Influência Nos Processos De Ensino E De Aprendizagem. Lajeado: Univates, 2014.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.
- NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. Disponível em: https://www.academia.edu/41184960/Para_uma_forma%C3%A7%C3%A3o_de_professores_constru%C3%ADda_dentro_da_profiss%C3%A3o . Disponível em: 10 abr 2026
- NÓVOA, António. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009. p. 25-46.
- PERRENOUD, Philippe. 10 novas competências para ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

SANTOS, José Ricardo Rosa dos. A Escola Moderna como Modelo Neoliberal. *Psicopedagogia On line*, 2002. Disponível em: www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=383. Acesso em: 18/03/2026.

SEVERINO FILHO, João; SILVA, Adailton Alves da. As emergências das matemáticas e a decolonização do pensamento científico do lado de cá. *Revista de Educação Matemática*, [s. l.], v. 20, p. e023073, 2023. DOI: 10.37001/remat25269062v2oid787. Disponível em: <https://www.revistasbemsp.com.br/index.php/REMat-SP/article/view/17>. Acesso em: 05 Maio. 2026.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: insurgências e re-existências. In: OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; CANDAU, Vera Maria (orgs.). *Pedagogias decoloniais*. Petrópolis: Vozes, 2018.